

112/924

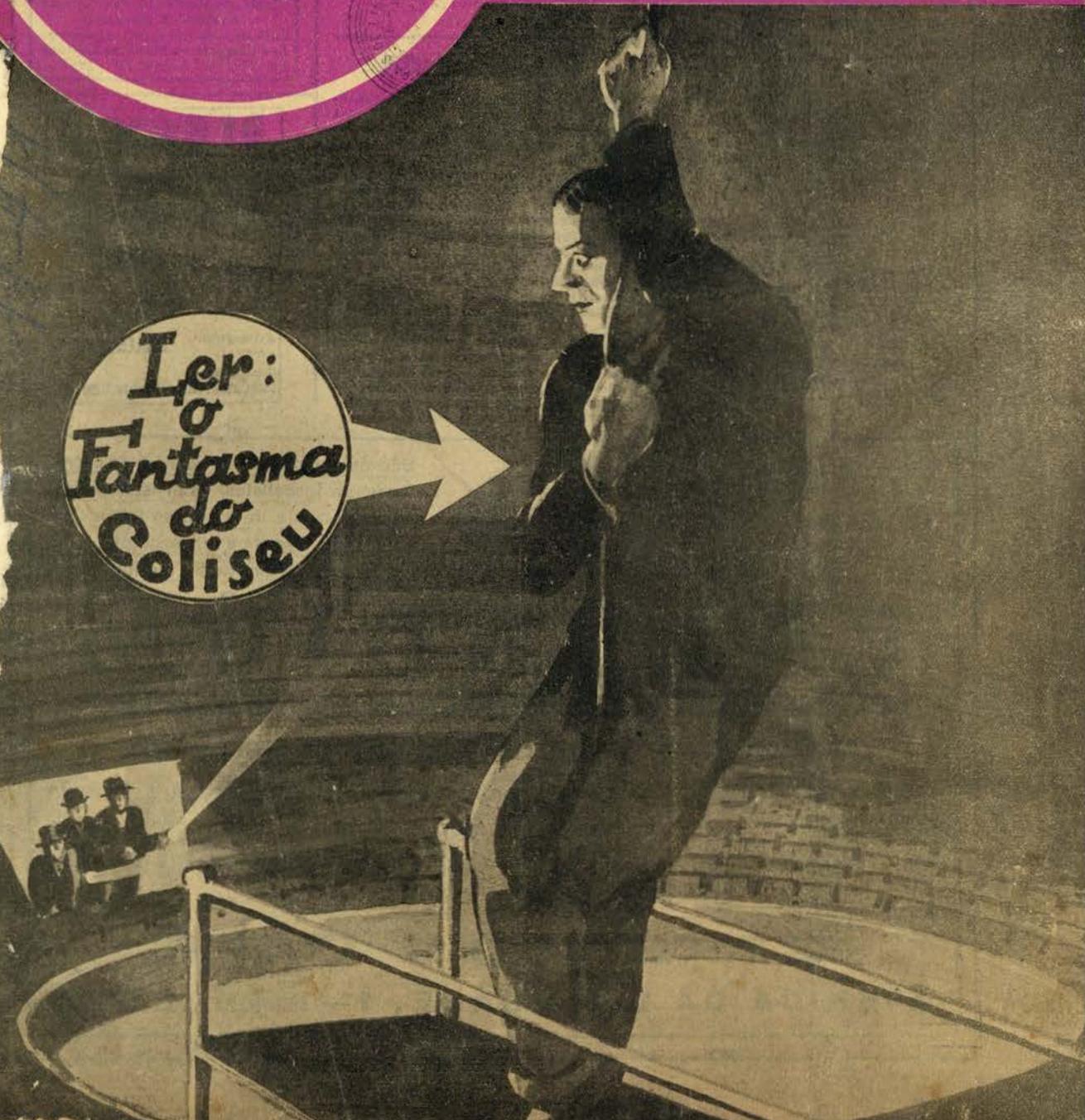
DEPOSITO LEGAL

Semanário de grandes reportagens

N.º 2

Esc. 1\$00

Ler:
o
Fantasma
do
Coliseu



A eloquencia dos números

O nosso jornal teve, no seu primeiro número, uma tiragem de 25.000 exemplares, que distribuiu assim:

Em Lisboa — Por 280 tabacarias, 4.000; ao chefe da venda, para venda avulso nas ruas, 1.750.

No Porto — Entregues ao nosso agente geral, sr. Manuel da Silva Braga, Limitada, que os espalhou em tôdas as tabacarias da sua zona, 3.000, conforme a nota que patentesamos a quem queira verificar; e 500 ao redactor-delegado para propaganda.

Na Provincia — Enviámos a cerca de trezentos e cinqüenta agentes que constituem a nossa rede privada, um total de 3.500 exemplares (tendo muitos dêles solicitado o aumento das remessas futuras).

Nas Ilhas — Mandámos para os nossos agentes da Madeira e Açores, 500 exemplares.

Em Africa — Endereçamos aos nossos agentes de tôdas as cidades da Africa Portuguesa, 1.000 exemplares.

No Brasil — Remetemos 1.000 exemplares consignados ao nosso representante geral nêsse país, o sr. Olímpio Antunes, da rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro.

Na América do Norte — Para os Estados de New Jersey e Califórnia, onde existe uma colónia de 250.000 portugueses — «exportamos» 1.000 exemplares, destinados ao

nosso agente geral dali, a firma portuguesa A. Duarte & Oliveira, Limitada, de Tautois.

Aos assinantes — Sob esta rubrica depositamos na Central dos Correios e Telegrafos, no Terreiro do Paço, 2.457 exemplares — que tantos são os nomes que constam do nosso registro.

Temos em depósito cerca de 700 exemplares, tendo os restantes sido enviados para várias entidades, personalidades e jornais, portugueses e estrangeiros, a título de oferecimento e para efeitos de publicidade.

Este, foi o movimento do primeiro número de «X».

Uma elaboração indesejavel

O nosso anterior número foi impertinente mordiscado pelas bicadas de uma antipática colaboradora, com que não contávamos e que não desejávamos na nossa intimidade: — a das gralhas.

Esse figadal inimigo de todos os primeiros números, salutando de página para página, debicando aqui e além, causou vários estragos no que havíamos escrito.

No artigo «Existiu um tesouro oculto no Paço de Queluz?», onde Rocha Martins havia escrito Luiz XVII, o inconveniente animalinho devorou o V, transformando-o em Luiz... XII.

O facto não deve repetir-se — porque o nosso revisor está disposto a flitar com energia, expulsando por uma vez das nossas colunas os indesejáveis bicharocos. Isso, com a ajuda de Deus... e do Mestre Bernardo — que é cá o chefe das oficinas — deve dar o resultado esperado.

Livros para todos



Catálogo ilustrado das últimas novidades literárias

Envia-se grátis pelo correio, a quem o pedir à Livraria Peninsular Editora Rua Poço dos Negros 79 LISBOA

BLENOXAN

o MELHOR NO
TRATAMENTO
DE



PROSTATITES
E BLENORRAGIAS

AVENDA EM TODA
A BARRIA

dep. geral:

LAR. SILVA CARVALHO 2. MOS TANQUEIRAS 208

Todas as grandes cidades têm um café que todos os forasteiros gostam de visitar; e quando os visitam já não se adaptam a outro ambiente



São os cafés onde se reúnem os escritores, os jornalistas, os artistas, todos os intelectuais de quem se fala e discute, toda a gente que marca pelo seu valor e que forma a elite

PALLADIUM

O Café mais moderno e higiénico de Lisboa

O único com luz difusa e renovação constante de ar pelo sistema de aspiração

O PALLADIUM serve uma pastelaria de esmerado fabrico e original apresentação

O seu café à chavena é o mais deliciosamente aromático e a sua pureza destaca-se entre todos os cafés

CAFÉ 100% CAFÉ

AVENIDA DA LIBERDADE, 1 — Telefone 2 8395



SEMANÁRIO DE
GRANDES REPORTAGENS

A Opinião Alheia

...E o pobre moço, após uns minutos de acalmia com que o optimismo dos meus conselhos o refrescára — patenteou uma brusca recaída, contorcionou-se na cadeira — como se fôsse a dum dentista — e exclamou:

«—E os «outros», meu amigo, os «outros»? O que dirá o «mundo»? A opinião pública? Vão cadastrar-me, pela certa, nas suas fichas, como a um indesejável moral!»

Não contestei logo; espiei, primeiro, através da frincha do olhar — aquela alma em tormento... O seu caso era vulgar... Até aos vinte e quatro anos — viverá sem atritos nem desilusões. O próprio problema do amor estava prestes a resolver-se, como todos os seus problemas — facilmente, comodamente, sem conflitos nem lágrimas. Mas eis que, um dia, a intriga dum despeitado, a navalhada dum língua de ponta-e-mola — pusera-lhe o coração a sangrar — numa dúvida que correspondia ao desabar de todos os seus sonhos de ventura. O boato maculador da reputação da noiva — rabiara por toda a cidade, bichanado, cochichado pelos salões e «cafés».

A acusada reagira, amontoara provas, e, inocente ou não, convencera-o de que tinha sido apenas uma especulada pela calúnia.

Quando intentou apregoar por toda a parte o seu convencimento na inocência da noiva — começou a notar os sorrisos de troça ou de piedade de

Director: **Reinaldo Ferreira** (Reporter X)
Redactor-chefe e editor: **Américo Faria**

Administrador: **António Beleza**
Propriedade da **Imprensa Beleza**

Red., Administ. e Oficinas: IMPRENSA BELEZA, R: da Rosa, 99 a 107 — Telef. 2 1622
Delegação no Porto: Rua de Santo Ildefonso, 86-88 — PORTUGAL

ANO I LISBOA, 29 DE NOVEMBRO DE 1934 N. 2

uns; o encolher de ombros de outros, que já não duvidavam só da honestidade dela — mas também da dèle...

A densidade do ambiente não conseguia reanimar a extinta dúvida, nem enfraquecer a sua paixão. Pelo contrário: dir-se-ia amá-la mais, agora, ao vê-la nimbada pela auréola do martírio da difamação. Mas, ao mesmo tempo, não sabia sobrepôr-se à opinião pública, resignar-se ao destêrro da consideração alheia!

Viera assim, inquisitoriado entre dois gumes, solicitar-me um anestésico moral, a fórmula dum tréguas.. Disse-lhe então...

«—Entre as calamidades mais cruéis que estão sempre suspensas sobre a nossa existência — duas deitaco — precisamente as mais estúpidas — porque são os homens que as criam — por maldade, uns; por covardia, outros. Refiro-me a essa tirania feroz, monstruosamente sádica, a que se chama a «opinião dos outros»; e a essa nossa fraqueza servil; ao ridículo exagero de amor-próprio que nos leva a oferecer-nos voluntariamente, aos suplicios desses despotas. O seu caso, meu amigo, é exemplificação da perversidade desses tiranos — e da covardia das vítimas. «Não se melindre! Eu também já fui covarde; também ia, pelo meu pé, sujeitar-me às leis inquisitoriais da «opinião pública» — padecendo inclemências porque, para lhes obedecer, era obrigado a sacrificar-me, a contrariar-me, a negar-me. Quere situação mais vexatória, escravo mais espelhado? «Durante anos fui um joquete dos «outros». Não dava um passo, não tomava uma decisão, sem ponderar primeiro se os outros estariam de acôrdo.

«Padei amarguras infinitas desde criança — com esse meu servilismo moral! Recordo-me do primeiro baile a que assisti. Afogadoado pelos folguedos, vendo dezenas de pares a girarem, enlaçados, à minha volta, senti-me tentado pelo gozo da dança — como por uma aventura audaz e inédita. Entre as poucas moças que permaneciam sentadas na sala, como espectadoras passivas — estava uma vizinha minha, da minha idade! Eu nunca bailára; ela tão pouco! Mas também reservava em desejos de experimentar aquela nova emoção. Aliás... o que ambos ambicionávamos era voltejar, como os outros, no ritmo das valsas; sentirmo-nos envolvidos pela massa coagulada dos dançarinos. Com que volúpia inocente nos

abraçamos e nos engrenamos naquelas múltiplas rodas humanas, em giro contínuo! Mas eis que todo o encanto se quebrou, de súbito! A alegria transformara-se em humilhação, em desgosto! É que surpreenderamos vários sorrisos de troça, a vexarem-nos, a ridicularizarem-nos — apenas porque, se as nossas expressões eram mui histriónicamente de quem valsasse — os nossos pés rubiscavam, no tapete, os arabescos mais fantásticos e apalhados... Cabisbaixos, vexados, desistimos daquela prazer — e regressámos aos nossos lugares.

«As vezes essa tirania toma aspectos ridículo-trágicos — nos próprios tiranizados. Era frequente eu sair de casa, radioso, risonho, sentindo-me a estoiar de saúde e de energia — e topor com um dos muitos embaixadores da «opinião» que me desflechava, fitando-me, como que amedrontado: «Que tens tu? Estás doente? Não sentes nada? Estás magríssimo... e pálido... e olheirento! O que diz o médico? Já tive um primo que andou assim um tempo, sem fazer caso — e ao cabo de uns dias teve uma congestão pulmonar. A bem dizer êle estava encubando uma febre tifoide... A verdade é que as meningites, nos adultos, começam assim.» — E eu abalava, de cabelos eriçados, febril, acabrunhado, apreensivo, — doente, moralmente, para muito tempo!

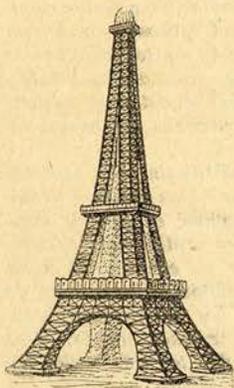
«Um dia, enfartado desta escravatura, proclamei o «93» da minha vontade, da minha liberdade de acção, de pensamento, de consciência, isolando-me num indiferentismo granítico entre o que os «outros» possam pensar, dizer, inventar, espalhar a meu respeito. Enquanto a opinião pública não

(Continua na pág. 7)



— Que crueldade! E teve você coragem para dar uma punhalada no coração do pobre cego!
— Não foi crueldade, chefe! Olhos que não vêem, coração que não sente...

7 X



4.^a
feira

Maquiavelismos políticos

QUE sábia higiene espiritual, feita de graça, a destes franceses! Mesmo neste período azarento que atravessam — afogam as horas mais angustiosas com os sorrisos mais reanimadores. Ante a última crise que causou dispneas morais à Europa — em vez de carpirem sobre a irremediabilidade dos seus políticos egoístas que desarticulam a França — apedrejaram-nos com o ridículo.

...O repórter M. Pietri — conta, num jornal que recebi hoje: «Estava eu na ante-câmara do presidente aguardando o elenco do ministério — quando o sr. Paganan, deputado conhecido pelas suas intrigas e negociatas, solicitou uma audiência urgente com o organizador do novo governo. Fecharam-se durante dez minutos; mas um secretário, ao passar, esqueceu-se de fechar a porta e eu, apurando o ouvido, escutei o seguinte diálogo:

«— Não é por mim! — proclamava o deputado. É pelos meus eleitores e pelos muitos *assuntos* que *temos* pendentes.

«— Impossível! — dizia o ministro. Embora não se saiba ainda — já distribui todas as pastas.

«— Mas faça-me, ao menos, um favor! — lembrava o outro. Anuncia hoje aos jornalistas que me convidaste para o Ministério dos Correios — por exemplo — e eu comprometo-me a recusá-la. Assim, não transtornas o teu ministério — e eu consigo o efeito de que necessito.»

«Pois bem! — comenta o indiscreto

repórter. Nesse dia, o nome de Paganan aparecia como convidado a tomar parte no novo governo — e na manhã seguinte o órgão do partido daquele deputado publicava: «Convinha-lhes que Paganan entrasse no Ministério, não só pelo seu valor político e prestígio pessoal — como, sobretudo, para impedirem que eu... continue a falar! Mas enganaram-se! Paganan recusou-se altivamente, à sórdida combinação!».

Valha-nos Deus!...



5.^a
feira

Uma estranha penhora em Santa Cova

DE Santa Cova (creio que na Beira) um desconhecido franco-atirador de *notícias* — desses que me catadupam de matérias-primas para reportagens sensacionais — escreve-me o seguinte:

«O sr. João Tôrres Quintães, de 55 anos, único descendente duma das melhores famílias desta vila — desde muito novo que começou a esbanjar a fortuna, até que, há uns anos, se viu na necessidade de vender, aos poucos, as propriedades herdadas. De tempos a tempos, enchia um carro com viveres e caixas de champagne — e acompanhado de amigalhões e até de actrizes que trazia do Pôrto (o *até actrizes* é do meu correspondente) passava dias e semanas pandegando à louca, sem que se soubesse o seu pouso. Envelheceu precocemente — e na pobreza. Ultimamente, só por milagre descobria um agiota que, fiado no seu antigo prestígio, lhe emprestava algumas notas — que ele corria logo a queimar em Lisboa — revivendo as suas extintas eras de grandeza! Depois vinha isolar-se na única casa que lhe restava — sem criados, sem amigos, sem aparecer sequer a uma janela.

«Há pouco, dois crédôres recalitrantes, na suspeita de que pudesse existir algum recheio de valor naquele solar — decidiram agir judicialmente. O juiz ordenou uma penhora.

«— Entrem e levem, sem cerimónia, o que encontrarem! — disse o Quintães, quando a Justiça lhe bateu à

porta. Entraram — e viram...: salas enormes, vazias; uns pratos e tijelas de barro, um colchão... e pouco mais.

«— Venham! — convidou o dono do solar, abrindo a porta dum pátio interior. — Está aqui o único objecto de valor que me resta...» Os delegados da Justiça deram um passo — mas logo desalvoraram! É que o sr. Quintães guardava no pátio dois leões que, embora escanzelados pela comparticipação da miséria do dono — os fitaram de um modo estranho e lhes rugiram num tom que não era para graças.

«Tôda a gente ignorava em Santa Cova aquela máxima extravagância do arruinado boémio! Num dos seus «raids», em tempos prósperos, apaixonara-se por uma domadora de feras de certa feira distante — e, para conservar uma recordação... amável, comprara-lhe, por dois contos, um casal de leõesinhos recém-nascidos; trouxera-os para casa; e em casa os criara, como se fossem cachorros — ocultando-os de todos — para evitar desgostos... Veja v. a situação dos representantes da Justiça — obrigados a penhorar as feras e a transportá-las para o tribunal! Aproveite o assunto — se o julgar interessante. — De v., etc., *Mário Tavares.*»

Ah! Se nós — eu e alguns de vós, leitores — tivéssemos seguido, há anos, o exemplo desse tal Quintães — adquirindo, pelo menos, uns tigrinhos de Bengala ou mesmo umas «panteras-babies» — que serviço esses bichos não nos teriam prestado já?!

6.^a
feira

Surpresas à volta de autógrafos



A França, actualizando em lei uma ordenança de Francisco I — na mira de se apoderar de 80 cartas de Napoleão que estavam aleiloadas em Paris — fez requestrar o problema da divulgação mercantil dos autógrafos dos homens célebres.

Simultaneamente, um dr. João Côrte Real declara num jornal da província que possui certo autógrafo de D. Pedro IV, revelador não sei de que escorregadela, para a conquista do qual, o pai, miguelista em escaldão, tivera de estoirar fechaduras... Não sei até que ponto se pode permitir o devassarem-se as *intimidades escritas* dos

(Continua na pág. 12).

Fraquezas dos grandes homens

Superstições e enguiços célebres

A tarlatana do tempo ainda não apagou o frémito causado em todo o mundo pelo atentado de Marseilha que juntou no mesmo círculo sangrento o rei Alexandre, da Jugoslávia, e Barthou, o político francês — sacrificados ambos ao ódio de determinada seita secreta.

O duplo assassinato foi cometido a uma terça-feira — dia em que o vitimado monarca não assinava, por superstição, qualquer decreto, nem tomava resoluções importantes.

O rei Alexandre execrava particularmente a terça-feira, querendo ver nela um dia aziago que lhe inquisitoria a alma com o flagelo da dúvida inquietante...

Para justificar a sua aversão por tal dia, confidenciava, freqüentes vezes, aos seus familiares:

«Meu bisavô Karageorges foi assassinado numa terça-feira (1817) e o rei Alexandre da Sérvia foi trucidado juntamente com sua mulher, Draga, numa terça-feira também.»

Final, o Futuro havia de alicerçar o nigramantisco receio do desventurado chefe de Estado, com a mais implacável das realidades. Coincidência?... Fatalismo?... Destino?...

Uma afirmação concreta, cimentada em factos que a história regista e observados na vertiginosa farândola da vida — factos que os espíritos, pretensamente superiores, acoimam de «futilidades» — se pode fazer: — a de que às superstições, as mais curiosas e caricatas, não têm sabido subtrair-se os cérebros melhor construídos de todas as zonas da ciência e da arte. Porque vem de longínquas eras a superstição retalhada sob as duas fórmulas antagónicas «Sorte» e «Azar» — não será fácil agora extirpá-la da razão da humanidade.

Dai o floretear constante entre o sub-consciente e o super-consciente do Individuo.

Os reis e os enguiços

No «écran» sangrento em que passam, desde tempos imemoriais, todas as grandes tragédias sociais, zigzagueiam as superstições, como génios malignos portadores de más-novas.

A monarquia francesa foi sempre, desde o seu início, acolitada por uma

As 3.^{as} feiras do Rei Alexandre. — O «14», o «13» e o «9». — Os intelectuais. — A côr dos papéis de Dumas. — Os gatos negros e os corcundas.



De cima para baixo: Gervasio Lobato; Dumas, pai; e Teófilo Braga

superstição fatídica, a profetizar-lhe catastróficas infelicidades — o número 14. Este número, ora na simples soma das letras que formavam o nome dos soberanos, ora nas datas que fixavam os feitos de maior monta, surgia sempre, como uma cauda de azar, a presagiar coisas tristes.

Ao contrário, o rei Vitor Manuel, de Itália, tem, como talisman de podero-

sas virtudes, um anel de tradições familiares que o defende de sinistros precalços, carreirando o seu destino na recta da boa fortuna...

Outro tanto não sucedeu com seu pai e predecessor, o rei Humberto, assassinado num dia em que, contra o seu hábito, não levava consigo o precioso amuleto, de que se esquecera ao lavar as mãos...

O último czar da Rússia, Nicolau II, também não se apartava nunca de uma dessas jóias a que atribuía virtudes semelhantes. Numerosos atentados foram dirigidos contra a sua pessoa, mas de todos saiu ileso, porque... levava o anel. Mas — fatalidade! — um dia perdeu-se a virtuosa jóia. E, como consequência, começou a desandar o cilindro da sorte... O grande império foi convulsionado por tremendas revoluções... A família imperial — aniquilada por fúria desta sina — foi, pouco tempo depois, cruelmente massacrada, não escapando o único membro.

E se espiolhássemos a origem de certos acontecimentos históricos do nosso país, talvez que nela vissemos ainda a superstição, irradiando dúvidas e tentaculizando factos e homens... É uma sugestão que Rocha Martins talvez queira aproveitar um dia...

As superstições dos escritores

Nos artistas e nos homens de ciência, a superstição objectiva particularmente a maneira de trabalhar que caracteriza cada um.

Teófilo Braga, por exemplo — quem diria! — não podia passar sob os andaimes de um prédio em obras, que não invocasse todos os seus deuses para afastar os maus presságios — e confessava que tinha «galinha»... com as galinhas. Galinha preta que toposse no caminho, tinha o estranho condão de lhe fazer correr mal o dia... ou de lhe grangear mais uma toza valente desse genial Camilo que não lhe perdou certa partida...

«Gallo», — o extraordinário «diestro» que a Espanha ainda hoje pratica com saúde — o homem que, numa noite de esponsais, viveu um

(Continua na pág. 11)





DUAS escandalosas mistificações literárias, simultâneas — uma nacional e outra estrangeira, provocaram este artigo.

Está rastilhando pelos cafés e tertúlias literárias de Lisboa, o boato de que alguém prepara a revelação sensacional das provas de que certas obras póstumas de um célebre escritor português foram engendradas por um escriba mediocre de convivência com um editor ganancioso. Embora não desse total crédito à aoarda (quem anuncia o escândalo procura guindar-se à glória pelo ascensor único da barulheira — sem escrúpulos ante a mentira) fixá-mo-la por coincidir com um caso que o nosso redactor-tradutor nos apresentou...

Nos tribunais de Varsóvia foi debatida, há três semanas, uma causa singular que apaixonou o público: — os herdeiros do escritor policial, Kardostiesky — o Conan Doyle da Europa Eslava — acusavam determinado editor polaco de lançar no mercado diversos romances assinados pelo falecido escritor — falsificações puras — em que o falsificador não só arremedava a técnica de Kardostiesky como jogava com os próprios personagens celebrizados através dos livros do escritor falsificado.

E então acudiram-me muitos outros casos semelhantes...

Um «importador» alemão de literatura inglesa.

São vulgaríssimos estes casos de falsificação literária. Hoje falsifica-se literatura — sobretudo literatura popular e policial — como se falsificam... obras-primas de pintura, selos raros que valem milhares de escudos, notas de Banco ou... jogo de loteria.

Mas, de todos, Conan Doyle — o fundo cérebro que concebeu Sherlock Holmes — foi a maior vítima d'esses trapaceiros das letras — e, simultaneamente, o maior beneficiado com a falcatrua da sua obra.

Aquele escritor inglês escreveu de 1890 a 1900 uns dezóito a vinte romances sobre Sherlock Holmes que alcançaram um extraordinário sucesso em todos os mercados de lingua inglesa.

Foi então que um editor de Leipzig,

tentou transplantar para o alemão as «Memórias de um policia amador» — tal como Doyle as tinha escrito.

Os direitos de tradução, porém, eram onerosos, estranguladores.

O editor não esteve com meias medidas! Contratou com um escritor germano a factura, em publicação periódica, das «Aventuras Extraordinárias de Sherlock Holmes», de que se publicaram perto de 500 fascículos e que se vulgarizaram mais vertiginosamente do que os verdadeiros romances de Conan Doyle, transpondo tôdas as fronteiras.

O êxito foi completo! E Conan Doyle, que a princípio se rebelara contra a falsificação, em breve se viu açoitado com numerosíssimos pedidos para a tradução dos «seus» romances, recebendo avultadas quantias de direitos por uma obra que de sua, afinal, apenas tem o nome... Foi a sorte grande!

Ante o magnífico rendimento que as aventuras de Sherlock tinham dado — o mesmo Alves Reis alemão da literatura pensou aproveitar, para uma nova série de fascículos, a figura fantástica de «Raffles — o gatuno aristocrático», que o escritor inglês W. Hornung acabara de lançar, com sucesso, num único volume, em Inglaterra.

A industrialização da literatura popular.

Por essa data publicavam-se nos Estados Unidos da América do Norte, as



Uma obra inglesa que os italianos multiplicaram

aventuras de Buffalo Bill — retrato vivo dum herói autêntico, assoldado ao governo norte-americano para a pacificação das regiões infestadas de «pelles-vermelhas», de quem foi o terror. As façanhas do célebre aventureiro eram relatadas por um seu amigo e companheiro de campanhas — o major Crower — que arrancava da memória os factos que descrevia. Aquele mesmo editor de Leipzig farejou o negócio; e sem titubear, usou de um novo processo de ganância: transformou Buffalo-Bill em Texas-Jack — dando ainda ao mesmo falsificador carta aberta para fantasiar e imitar como entendesse... E como continuaram a ser bem sucedidos — ei-los forjando as proezas do lendário «Capitão Morgan», o audacioso flibusteiro francês — escamoteadas de uma obra de Sabatini e de «Stoert-Becker», um moço capitão-pirata, norueguês (o nome quer dizer, em sueco, «Entorna-canecas») — fascículos que triunfaram em todo o mundo — até... nas pátrias dos autores falsificados!

A última tentativa de mistificação da tal casa de Leipzig — incidu sobre o famoso «Arsene Lupin» — o «ladro-fidalgo parisiense». Maurice Leblanc, o escritor que criou essa figura, escrevera apenas, até essa data, para o *Je Sais Tout*, três ou quatro romances; mas o editor alemão não titubeceu — ordenando ao falsificador da casa uma imediata multiplicação — lançando dez ou doze — e mais seriam se não fôsse o enérgico protesto de Leblanc.

Em Portugal, igualmente o facto se registou — e de alguns «jongleurs» de letras, nossos compatriotas, sabemos que também escreveram por conta de... Doyle, de Hornung e do major Crower...

Aqui, porém, os editores pagavam, em 1907-1910, por cada fascículo de 16 a 20 páginas, de dez a quinze escudos... Lá fora, os *Fregolis* da literatura recebiam por igual serviço — uns oito a dez contos. O contraste é frizante!

Por êsse preço, compreende-se que o tal perito alemão montasse devidamente o seu rendoso negócio, a ponto de ter sob o seu comando uma brigada de pessoal, especialmente encarregada de esmiuçar todos os livros de aventuras publicados em países e épo-

Opinião alheia

(Continuação da pág. 3)

tiver força de lei — e o facto de eu não respeitar os seus dogmas não me acarretar uns meses de presidio, uma dúzia de chibatadas ou uma multa quantiosa — ela pode estar certa de que a desprezo — e que lhe desobedeço, incorrigivelmente!

«Se outrora me viessem com a confidência maldosa de que... «— Olha que precisas de mudar de estilo... de feito jornalístico e literário... Fulano, Beltrano, Cicerano não gostam dos teus artigos, dos teus livros... Porque não seques a escola de Z. ou a de W.? Agradarias mais!» — acabrunhava-me, pela certa, duvidaria de mim próprio, sentiria um desfalecimento... provisório — e sentir-me-ia talvez tentado a mudar de estilo ou de feito... Quantos conselhos desse género — provocando outros tantos desânimos — não sofri, como citadas, ao longo da minha carreira... Agora — se ainda algum «outro» teima, por conta dos «muitos outros» uma insidia idêntica — eu, em vez de me angustiar, de me abater, de duvidar — pergunto ao administrador do jornal ou ao editor do livro, que tal tem sido a venda... E se eles me respondem dizendo que a gazeta vai de vento em pópa e o livro está fazendo concorrência à Farinha Nestlé — esfrego as mãos — e nem penso em mudar de feito e de estilo, e muito menos em seguir a escola de Z. ou W.

«Reaja, meu amigo; seja teimosamente você, só você, indiferente aos «outros»! Busque a sua felicidade — de acordo com a sua alma, o seu espirito e a sua consciência — porque perder o paraíso por ter comido a maçã — vá que não vá; mas abandoná-lo só porque uns cavalheiros, por inveja ou perversidade, nos dizem que «parece mal continuar lá dentro» — é disparate inadmissível e ridículo!

REPORTER X

A escassez de espaço

Por só tardiamente termos recebido a brilhante reportagem escrita pelo nosso Redactor-Delegado no Norte, sr. Humberto Ribeiro, (Humberi), e focando um caso do Porto de palpitação actualidade, não a pudemos publicar no presente número, como era nosso desejo.

Fá-lo-emos, porém, no nosso próximo número, conjuntamente com alguns artigos firmados por flustres colaboradores do «X» e que, pela tirânica imposição da falta de espaço, fomos forçados a retirar, já compostos, do presente número.

— Conhecemos muito intimamente o autor verdadeiro, sem mistura, de uma das obras mais populares de Oscar Richmond — «Os Companheiros da Sombra»...

AMÉRICO FARIA

cas diferentes — à pesca de truques bem imaginados. Um estratagemá do livro A., um episódio do livro B., mais uma psicologia de certo personagem daquele outro livro — e depois de tudo isso muito bem refundido na sua oficina de pirotecnia literária — o gabinete de trabalho — saía um novo livro.

Está explicada a maneira como a «alma» do pobre «cão de Backerville» — truque imaginado por Conan Doyle, num dos seus livros, dos verdadeiros — tenha aparecido mais tarde, incarnada, sucessivamente, em «Búfalo-fantasma», nas façanhas de Texas-Jack — e no «Gato de Norfolk», nas proesas de Raffles.

Afinal, o habilidoso alemão esqueceu-se de forjar o único livro em que não lhe seria preciso recorrer à fantasia de estranhos e a que estava assegurado um sucesso garantido: — o «Manual do perfeito falsificador de literatura!» E este sim, que seria originalíssimo, e da sua lavra.

Júlio Lermina. — campeã das continuações

Outro escritor que não foi poupado: — Wells, o narrador maravilhoso de fantásticas coisas! Só em Itália foram falsificados nada menos de 24 fascículos das «Aventuras Estranhas do Homem Invisível» — esses mesmos que apareceram no nosso país e de que Wells sómente escrevera... um único volume.

Uma outra modalidade na mistificação literária — a continuação dos romances de sucesso dos autores recém-falecidos. Nesta espécie, Júlio Lermina bateu todos os «récorde». Mas, confessemos, a sua prodigiosa inventiva nunca deixou mal colocados os seus confrades antecessores, dos quais manejava os personagens com suprema «mestria», matando uns e... ressuscitando outros. Foi Lermina quem continuou «Os Mistérios de Paris», de Eugénio Sue; foi ele quem se abalçou a «fabricar» os netos do «Cagliostro», de Dumas — sem acusar, bem entendido, a sua paternidade; foi ainda ele quem ousou fazer o prolongamento do «Homem que ri», de Victor Hugo — que as autoridades proibiram, mercê de uma campanha jornalística.

«A mão de finados», «O filho do Conde de Monte Cristo» e outras continuações do «Conde de Monte Cristo», foram fecundadas no cérebro fantasista de um folhetinista espanhol de grande popularidade, que se chamou Luiz do Vale, e que deu a Edmundo Dantés uma prole numerosa, poupando as dores do parto a Dumas (pai). O pior foi alguns desses romances terem aparecido firmados pelo nome de Dumas.

Já em nossos dias, publicaram-se, em França, novos livros sobre os heróis criados por escritores do século passado — alguns escritos por filhos e ne-

tos desses mesmos escritores. Um exemplo: Paul Féval (filho) tem prolongado em sucessivas obras — os romances que mais popularizaram o pai — como «Le Bossu» (o Corcunda); «Os monicanos de Paris», etc... Esse mesmo Féval (filho) de colaboração com um neto de Paul de Kock serviu-se dum admirável herói de Dumas e do protagonista da obra-prima de Ros-



Wells — um dos escritores mais «falsificados»

tand — para lançar uma série de folhetins de aventura — «Cyrano de Bergerac contra d'Artagnan». O próprio Maurice Leblanc tomou a responsabilidade de usar outro nome famoso do elenco de Dumas — para escrever o romance: «A Condessa de Monte Cristo».

Camilo também tinha «secretários»

Edgar Allan Pöe — o «virtuoso» das ambiências létricas e dos assuntos sobrenaturais — deixou igualmente uma «grande» obra... de que não chegou a escrever metade. A outra metade — pura imitação da sua maneira literária — foi escrita por... autores desconhecidos.

E Camilo, o nosso admirável romancista, também se queixou de ter sido algumas vezes falsificado no Brasil. Certo romance, raro, «A Oitava Colina», que ostenta o seu nome, a pesar de Camilo ter renegado esse livro, é hoje procurado pelos camilianistas, ainda na dúvida de que esse exemplar pertença à bibliografia Camiliana...

E isto, sem falarmos nos escritores célebres... que nunca existiram — «signé» Oscar Richmond, «devorado», em Portugal, pelas meninas românticas... Mas este caso não alinha entre as falsificações. Aqui existem muitos autores verdadeiros a trabalhar para um nome comum e fictício: — Oscar Richmond! — inventado por um conhecido editor de Lisboa.

E, para finalizar, uma confidência:

O Fantasma do Coliseu dos Recreios

(Das memórias dum velho empregado do empresário Comendador António Santos)

Tropellas da pista. — Os roubos dos irmãos siameses. — Um emprêgo que todos recusam. — A primeira madrugada do sr. Muñoz, no Coliseu. — As «partidas» do «Homem de Negro». — Onde era o esconderijo do «Fantasma». — Os seus caprichos. — O pânico entre os artistas. — A vingança do «Fantasma». — A morte do Conde de Fournier. — O assalto ao Coliseu. — Em que recondito do circo está o cadáver do «Homem de Negro»?

co de Barcelona, fuzilado a tiro pelo espectador dum camarote, quando ele, no alto da cúpula, se suspendera no trapézio — conseguindo o criminoso escapar à polícia... O caso dos irmãos siameses «Thewolff» que eram autênticas aves de rapina, deitando a mão a tudo o que viam — e que uma noite, em Bordéus, apesar da dificuldade com que se mexiam, conseguiram introduzir-se no escritório do empresário e escamotear-lhe um milhão de francos. E a tragédia a que assisti, no circo ambulante Karl Meyer, em Zaragoza, aí por meados de 1896 — em que a contorcionista dinamarquesa Helda Wieth, para se vingar do patrão e amante, atira, cega de ciúmes, uma filha de cinco anos — para a jaula dos tigres, que a dilaceraram em minutos!

«Perdão! — interrompi eu. — O assunto que me espicaçou a curiosidade entre os muitos que o nosso amigo me indicou — foi o do... «Fantasma do Coliseu dos Recreios»...

O sr. Pedro Muñoz franze o sobrolho, fita-me, com fixidez, e murmura:

«Que ideia! O «Fantasma»! Se ainda hoje não gosto de que me recordem... Mas já agora — se tem muito interesse...

O guarda da noite do Coliseu

O sr. Pedro Muñoz, antes de entrar directamente no caso — prolonga-o com alguns dados auto-biográficos. Apesar do seu apelido espanhol — nasceu em Portugal, filho de artistas portugueses. Toda a sua infância vagabundeou com os pais, que trabalhavam num circo ambulante dos mais completos da época — o do já citado Karl Meyer... Percorreu a Espanha, a França, a Itália, a Alemanha... Ao chegar

aos dez anos, estreou-se como acrobata — seguindo a vida artística durante perto de trinta anos. Um desastre irremediável, uma queda desastrosa, inutilizara-o, obrigando-o a abdicar das sensações da pista. Tivera a prudência de amealhar algumas economias — mas eram tão magras que se viu na necessidade de buscar, noutra officina um auxílio... Mas que officio? — se él só aprendera a arte dos saltos mortais, das cambalhotas vistosas e arriscadas? O instinto e a saúde fizeram-o rondar de novo os circos. O falecido empresário — o comendador António Santos, — que o contratara várias vezes para o seu antigo Coliseu estava-mo bastante e apiedara-se da sorte. Estava então a concluir-se o Coliseu dos Recreios... Propôs-lhe vários lugares compatíveis com a sua ignorância de iletrado e com a sua experiência em técnica de circos... E assim o sr. Pedro Muñoz, a trêco dum salário razoável — era, simultaneamente, fiscal dos bastidores, o responsável pelo material dos artistas, conselheiro do patrão na escolha dos números, se crítico particular sobre o valor dos artistas, etc., etc. Um dia o guarda que ficava de noite, de sentinela àquella imenso casarão — despediu-se.

Como era um velho e dedicado empregado do comendador — este tentou dissuadi-lo!

«Mas porque te despedes? — inquiriu.

«Não sei... Não quero... não posso



Mal se percebiam as suas feições

continuar com o serviço da noite... — respondia o homenzinho.

«Não te chega o que ganhas? Precisas de mais ordenado?»

«Lá isso... Mas não é essa a razão! Nem que me dessem uma fortuna eu ficava!»

E não houve forma de o conter. Partiu — e o empresário ofereceu o lugar a um dos criados de pista.

«Deus me livre! — contestou este imediatamente! Preferia estoirar de fome!»

«Não há outro remédio! — declarou o comendador ao sr. Pedro Muñoz. — Já que és o «faz-tudo» fora da pista — vais acumular mais um emprêgo: o de guarda-nocturno! Creio que não vais negar-me este serviço que te peço!»

O sr. Pedro Muñoz assusta-se...

E o sr. Pedro conta então:

«Fimdo o espectáculo, após a abalada dos artistas, empregados, moços — comecei a minha faina. Luzes — as raras lâmpadas de segurança — e a minha lanterna. Eu não sou homem que se amedronte facilmente — embora padeça, como todos os artistas de certo... — como direi? — de nervosismo supersticioso.

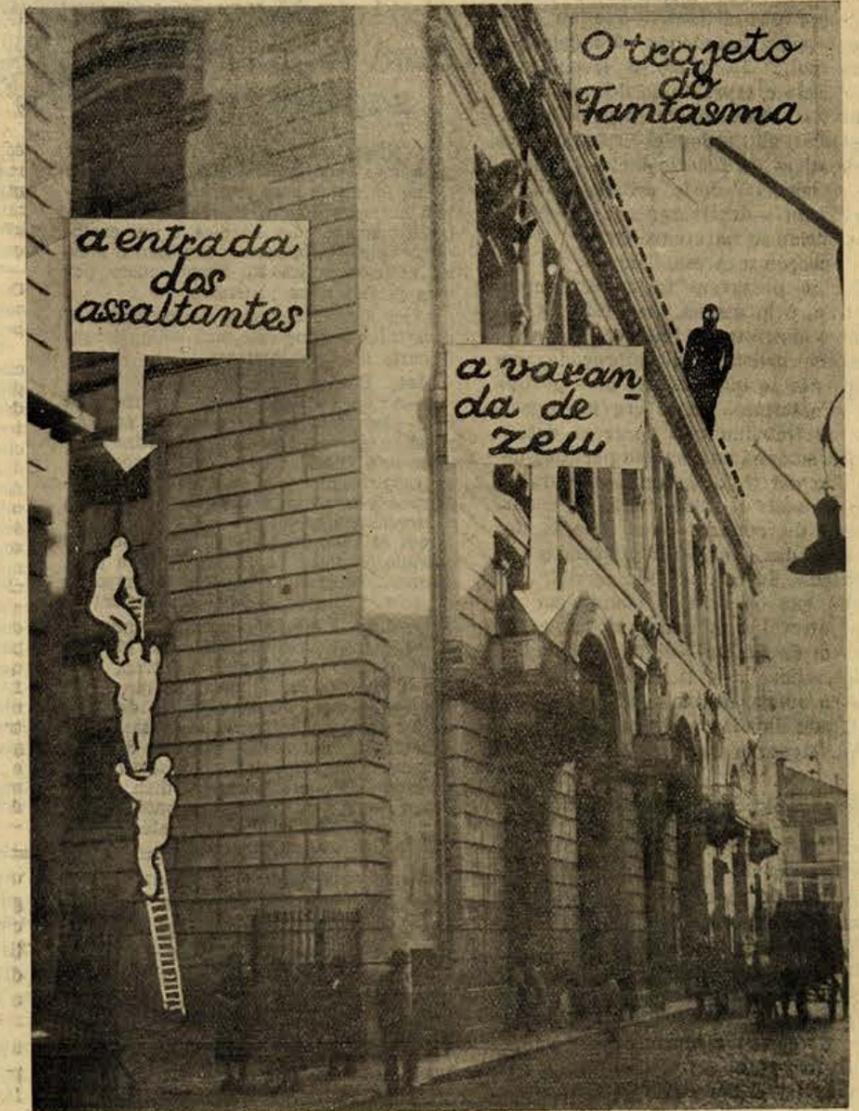
«Rondei pelo labirinto dos camarins, do palco, dos bastidores e, a certa altura, ao sair das cavalariças, ouvi como que uns passos cautelosos, na sombra...

«Quem está aí? — berrei.

«Nada de resposta! Fiz das tripas coração e esguichando a seta luminosa da lanterna contra a negrura do depósito de material, avancei para lá... Mas poucos passos dei — e logo, não sei como, a lanterna apagou-se... O coração cabriolava-me dentro do peito! Estaquei, esforçando-me por me dominar. Depois, desembolçando os fósforos, preparava-me para a acender de novo — quando senti — senti, juro — o rosto bafejado pelo sopro dum respiração. Abafei um grito... Seria sugestão — o medo a fazer das suas? Mas não... O ruído de uma respiração ofegante garantiu-me que não me equivocava.

«Berrei de novo: — Quem está aí?». A minha voz ecoou pelo circo... Precipitei-me, corri para a plateia — e sosseguei um pouco! Através dos vidros da cúpula o luar duchava uma claridade algodoenta que vinha esbranquiçar a pista. Recolhi-me a esse círculo vagamente alumiado — e consegui, por fim, acender a lanterna...

«Soou então uma gargalhada diabólica, uma risada de escarneo — que dir-se-ia casquinada por um louco! Confesso, sem reboço, que estremei, que os dentes me tamborilavam como num acesso de febre palustre...



«Por mais esforços que fizesse — já não pude obedecer à minha própria vontade, deslocando-me, abandonando a pista... Girei toda a noite por ali, como um cavalo de «écuyère», espreitando, atento, vigilante, assustado... Até meio da madrugada não houve mais acidentes... Perto das quatro, quando uma suave acalmia começava a substituir a horrível inquietação anterior, vejo, no alto das varandas, um homem todo de negro, como embainhado num «maillot» macabro, pular por cima do parapeito e desatar uma corda das manobras de pista, que vinha da cúpula e estava amarrada, no outro extremo, às grades... O que mais me impressionou foi o seu rosto, dir-se-ia uma esfera branca, alvissima, como pintada de alvaiaide, sem cabelo nem barba, sem feições — ou como

que as feições apenas esboçadas, em vagos traços, sem relevo nem cor...

«Quis berrar, bradar por socorro ou ameaçar aquele misterioso intruso — mas as cordas vocais não vibraram. Entretanto o fantasma, com as mãos enluvadas de negro enclavinadas na corda, soltou-a, desenhou, dependurada nela, uma curva no espaço e foi cair no palco, proximo da ribalta — abalando numa corrida de galgo...

«Estava explicada a razão por que os anteriores guardas tinham abandonado, apavorados, o seu emprego...

Os caprichos do Homem de Negro

Quando, ao cabo de uns dias me convenci de que o «fantasma» era inofensivo — acabando por me habituar à sua longinqua camaradagem — mal ter-

Após alguns minutos de esfafante alpinismo, trepando a calçada, ingreme como o Calvário, e tortuosa, duma estreiteza de viela, encardida de sombras que os telhados, quasi tocando-se e secando o sol, não deixam nunca lavar de luz, com um casario cambado, enxadrezado de remendos como a manta de um pobre e que recorda certas estampas da Lisboa do século XVII — desemboco num largo quasi risonho. O n.º 4 é um prédio novo, lentejoilado de azulejos reverberantes... Sentado à janela do rés-do-chão está um sujeito idoso, calvo, rosto redondo e duma brancura de marfim, de óculos acavalados num nariz pencado. Suspende a leitura do jornal — para me observar de esguelha.

«O sr. Pedro Muñoz?»

«Sou eu mesmo! Que deseja?.. Falar-me? Pois entre...

Entrei para uma saleta modesta, mas decorada com originalidade... Cartazes litograficamente berrantes, anunciando números de circo — «clowns», ilusionistas, acrobatas, «jongleurs», tigres e leões domesticados, etc. — atapetavam as paredes, de alto a baixo...

«São recordações... Quero morrer cercado por elas... Caprichos de velho! Calcule: vou para os setenta — e desde os dez que trabalhei na pista...

Revelei-lhe então o motivo da minha visita... Um amigo comum me garantiu que o sr. Pedro podia arrancar das suas memórias — e oferecer-me — uma página emocionante — um mistério de há quasi trinta anos que pouco se espalhou, mas que intrigara e perturbara os nervos dos poucos que dele tinham tido conhecimento...

«Oh! As memórias! O que eu vi ao longo da minha existência por esse mundo fora! O assassinato do célebre voador italiano — Talvani — num cir-

minava a primeira ronda, ia dormir um pouco, para um cubículo do palco, até que, aí pelas cinco horas, voltava a revistar a casa. Rara era a manhã que não encontrava na pista pranchas, varas metálicas e outros adereços dos artistas — que eu vira, pouco antes, guardados num depósito. Uma noite decidi-me a levantar-me mais cedo e espreitando do palco descobri o «homem de negro» macaqueando no redondel as fações acrobaticas do famoso Stela — e usando o material deste artista. Mal me presentiu — desalvorou aos saltos — e empastelou-se na escuridão...

«Começou-se a espalhar que no Coliseu se passavam factos sobrenaturais ou, pelo menos, inexplicáveis... O pânico alastrou-se... Raro era o dia em que um artista, um empregado, um moço não se queixava de uma partida do «Fantasma»... Hoje era um aparelho de trabalho que aparecia desafiado; amanhã um espelho partido; outro dia um traje de cena escondido... Mas, o mais frequente era a escamoteação de comida — dos farnéis dos criados, das guloseimas guardadas nos camarins, das garrafas de cerveja e de vinho que os artistas mandavam vir nos intervalos. A maior vítima era o homem do bufete — cujas *sandwiches*, bolos, chocolates, licões sofriam, todas as noites, notáveis desfalques...

«Meses depois o enigma tomava uma nova feição: a da tragédia.

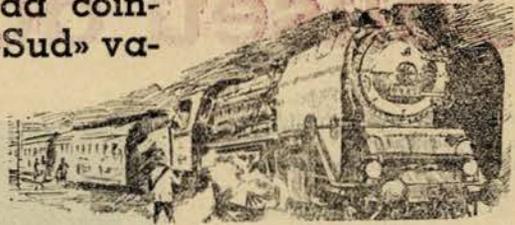
A tragédia do Conde de Fournier

«— Não se recorda do sensacional número que o Coliseu apresentou, no princípio do século — o do «Conde de Fournier»? Fournier que era tão conde como eu mas um artista audaz e de êxito seguro, montava umas longas pranchas em plano inclinado. Uma vinha da cúpula e terminava a meia altura do circo; a outra subia da pista até a uns cinco ou seis metros. Entre as duas havia um vácuo de dez metros. Fournier estirava-se, de peito para baixo, na primeira; largava-se lá do alto, escorregava velozmente; atravessava o vácuo e vinha entrar na segunda prancha que, diminuindo a velocidade, o depositava meigamente no solo...

«Fournier tentou-se um dia com o mistério do «Fantasma»; acompanhou-me nas minhas vigílias — e uma madrugada, por um acaso, estando parado, frente ao Coliseu — viu o «homem de negro» atravessar o telhado e entrar por uma janela, que abriu com a agilidade dum experimentado gatuno. Estacou, até julgar-se orientado para descobrir o seu refúgio diurno. De acordo com António Santos e acompanhado de vários camaradas, commandou a caça ao «fantasma» e por um triz que não consegue agarrá-lo.

«Duas ou três noites depois quando este malgrado artista executava o seu

Fenomenos da coincidência. O «Sud» vazio. O transatlântico dum só passageiro



ANTES de recolher — fui bebericar uma cerveja à mesa dum amigo que já me fornecera boas sementes para a minha horta de escriba. Sondei-o... «Se soubesse o que sucedeu há dias, a uns camaradas meus! — disse-me. — Em tantos anos na «classe» nunca fui surpreendido por uma partida desse genero...»

Antes de repetir o que ele me contou — devo informar que esse meu amigo é funcionario do «Sud-Express».

Mas... O meu amigo contou:

«— A' hora da partida do «Sud» — há dias — depois de trilado o apito e da chaminé fugar — o comboio lá se deixou engulir pelo tunel. Estava tudo a postos — os «controleurs» nos corredores, os cozinheiros a prepararem os piteus, os creados a atalharem as mesas, os moços a revistarem as cabines. Lá o facto de não ter entrado ninguem no Rossio não era para pasmarmos... Entrariam em Entre-Campos e noutras paragens — como é frequente...

Alem disso, a Agencia garantiria uma enchente para aquela viagem... Mas eis que, ao chegarem á Pamplhosa, deram com que o comboio continuava sem um unico passageiro. Qual o segredo dessa deserção total? Talvez o medo de atravessarem a Espanha revolucionaria, pintada de fogo — como quem atravessa um arame de circo estendido sobre a cratera dum vulcão «Os meus camaradas — atontaram-se! Que fazer? Seguirem viagem, até França,

sozinhos, livres das impertinencias dos passageiros, sem as tiranias do trabalho? A perspectiva era-lhes risonha... Seria a primeira vez que aqueles empregados da «Wagons-lits» viajariam saboreando as doçuras e confortos dos turistas de «verdade»! — tal como qualquer passageiro. Mas a Companhia esfaleou logo este delicioso sonho — ordenando que regressassem a Lisboa...»

Este estilo de fenomeno de «coincidencias» não é enédito. Recordo-me de que, durante a Guerra, o comandante duma dessas babilonias flutuantes que são certos transatlânticos, daqueles em que é preciso mapa topografico e bússola para andar lá dentro — escravo da pontualidade, desancorou de New-York á hora marcada; mas fosse por um repentino e geral terror aos submarinos, fosse por um dos tais «curtos-circuitos de coincidencias» — apenas levava a bordo um viajante — uma modesta senhora que comprara uma 3.ª classe. Calculem o que seria essa travessia de 7 dias — até Liverpool! O comandante, por ironia, ofereceu á unica passageira um beliche de luxo e convidou-a para a 1.ª classe. E ei-la, a pobre mulher, sozinha naquele mundo, como uma imperatriz, tendo ao seu serviço 20 officiaes e engenheiros, 80 tripulantes, 25 maquinistas e fogueiros, 30 empregados de cozinha, mais de 50 creados e creadas, mordomos, dois sextetos, 4 manicures e 5 barbeiros (!) — num total de 250 pessoas!

número — resvalou, despenhando-se a uma altura de dezóito metros. Fractura das pernas e de crâneo; cinco meses de hospital, impossibilidade de continuar a trabalhar — indo morrer, no ano seguinte, a Pau, em consequência do desastre.

«Quando se fêz o inquérito ás causas — fácil foi descobrir que as pranchas tinham sofrido várias *sabottages*, desnivelando-se... Todos affirmaram que era o «Homem de Negro» quem, para se vingar, preparara a queda do desventurado artista.

O fim do «Fantasma»

«— Nesse mesmo ano os gatunos tentaram um assalto ao cofre do gabinete de António Santos, que tinha fama de estar sempre bem recheado. Três ladrões de cadastro, chefiados por um tal «Jiracó» prepararam a uma janela da Sociedade de Geografia, daí passaram a outra — e aproveitando o sono do guarda (nessa altura já eu fôra substituido) invadiram o circo. Em vez de ladearem a sala e entrarem directamente nos escritórios, que ficam no palco, atravessaram a pista. Contaram êles depois á Policia que no momento de entrarem no redondel sofreram um razoável susto — vendo escorregar por

uma corda um *monstro* que soltava guinchos e gritos de arrepiar o mais corajoso. E susto foi êle que o «Jiracó» tirando a pistola — cometen a imprudência de desfechar dois tiros contra o «Homem de Negro».

«Ferido, deixou-se cair no solo; mas num rompante de energia — correu para uma das portas — e desapareceu. De facto, no dia seguinte, encontrou-se uma poça de sangue na pista — mas o cavalheiro, usando não sei que artes e com o fito de não deixar rasto do seu trajecto, conseguiu evitar que o sangue manchasse o caminho que seguiu.

«As detonações despertaram o guarda que deu o alarme — e os ratoneiros foram presos...

«Foi esta a última vez que o «Fantasma do Coliseu» deu sinal de si...

«— E nunca suspêtaram quem pudesse ser? Nunca se formou uma hipótese que explicasse êsse mistério?

«— Nunca! — afirmou o sr. Pedro.

E depois de um curto silêncio — rematou:

«— É possível que as feridas fossem mortais e que êle fosse morrer ao seu inencontrável esconderijo... Quem sabe se nalgum secreto esconso do Circo — se encontram ainda os seus ossos?...»

R. X.

FRAQUEZAS DOS GRANDES HOMENS

(Continuação da pág. 5)

completo romance de intensa amargura — não podia tragar o «13». 13 letras tinha o seu apêdo de «El divino calvo»... Conta-se que, uma tarde de sol e toiros, tendo que cumprir um vantajoso contrato em determinado «redondel», quando já ia a meio do caminho voltou para trás, porque... se havia metido num trem que tinha o número 13.

O grande romancista que foi Alexandre Dumas (pai), trabalhava os vários géneros da sua actividade com papéis de diversas cores. Para o romance escrevia em papel cor de rosa e para o teatro empregava laudas de papel azul-claro. Se por acaso se enganava na cor de papel, já não trabalhava nessa noite, tomando o facto à conta de... enguiço.

Conhecemos, intimamente, um jornalista português, cuja fama se dilatou até ao estrangeiro, que só escreve com tinta encarnada sobre papel amarelo. E se o papel adrega de ser branco, já não é capaz de escrever com a exuberância de imagens e com a facilidade vertiginosa que são os traços predominantes da sua prodigiosa actividade...

O sr. general Alexandre Malheiro, ilustre comandante geral da Guarda Fiscal e primoroso escritor, conta num dos seus melhores livros, «De Hannover ao Luxemburgo — Notas de um prisioneiro da Guerra», o mais convincente livro português sobre a grande conflagração, que conhecemos — a

singular influência, benéfica umas vezes, funestas outras, que na sua vida tem exercido o número 9. E isso a propósito da sua prisão na batalha de 9 de Abril. Nesse dia — através de toda



O Rei Alexandre da Yugo-Slavia

a existência — tem recebido os maiores desgostos — e as maiores alegrias...

Barjona de Freitas, antigo ministro da Monarquia, deputado famoso e político sagaz — tinha uma grande qui-

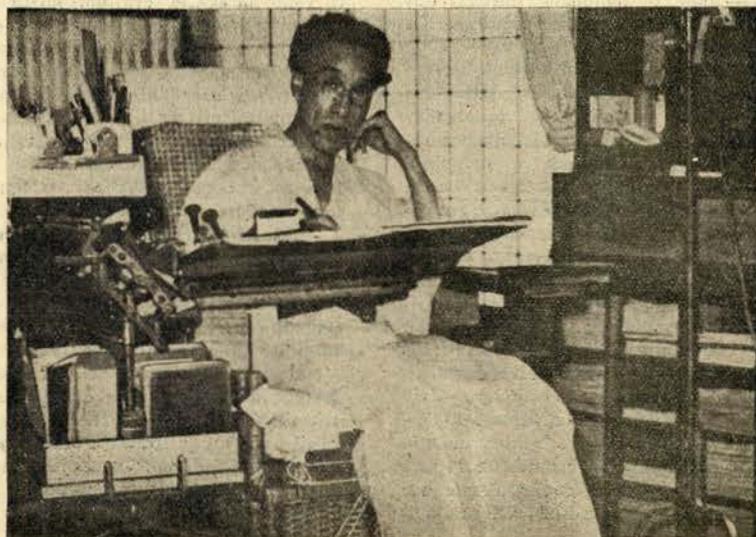
zília aos gatos. E Gervásio Lobato, o admirável anatomista dos ridículos da Lisboa do seu tempo, não podia ver um giboso — pobres figuras de Desgraça que os supersticiosos apontam como inconscientes causadores dos seus males de um dia...

Uma noite em que mestre Gervásio saía do Gimnásio, onde tinha assistido ao ensaio geral do seu «Comissário de Polícia», notou, a certa altura, que na sua frente caminhava um corcunda. Gervásio, cheio de apreensões, pelo encontro, apressou o passo, no intuito de passar à frente do marreco — para cortar o enguiço. Aquele, porém, sentindo passos apressados na sua rectaguarda e julgando-se perseguido, alargou também o passo... Gervásio Lobato fez outro tanto. E dentro de minutos, eis os dois homens a correr a bom correr pelas ruas fora — até que o pobre corcunda, ofegante, não podendo mais, desatou a berrar por socorro. Acorrem os agentes da Polícia, e Gervásio contou o caso, desgostoso por não ter ainda... *cortado o enguiço*. Aclarou-se tudo, e então o giboso, num requinte de gentileza, deixou-o passar à frente. E na noite seguinte, a peça «Comissário de Polícia» alcançava um extraordinário sucesso na sua «premières»... *Tableaux!*

Muitos outros casos podíamos fixar nesta crónica — mas o espaço escasseia-nos e os assuntos abundam...

A. F.

O maior escritor teatral do Japão moderno



NYAZEKAN Hasegawá e os seus dramas e comédias revolucionaram o teatro japonês moderno e marcam pelo brilho e elevação literária, objectivo social e pela técnica inédita, arrojada que susgestiona o público até à hipnose. Só em 1933, produziu 12 obras. As vezes coincidem 3 e 4 estreias — no mesmo dia. Há nouco estavam em cena em Tokio, sete peças suas. Reporter pobreirão em 1923 — amealhou uma fortuna de rajah graças ao seu trabalho. Vive excentricamente, num palacete, com fêras domesticadas, á solta nos jardins — e o seu gabinete de trabalho é... o que se vê na gravura; um *fau-teiull* bizarro, aparelhos esquisitos, dezenas de canetas de várias tintas, candieiros de várias luzes — e em vez de secretária uma *pasta* com pé articulado. Está traduzido em cinco idiomas europeus. — e o seu ultimo êxito é um melodrama histórico heroificado pelo guerreiro ocidental que esteve no Japão: o português João Mendes Pinto.

N. da R.: A fotografia que publicamos foi-nos cedida, gentilmente, pela Legação japonesa.

7 X

(Continuação da pág. 4)

homens célebres — seja num engodo mercantilista, na ânsia estudiosa dum diagnóstico histórico, ou no sincero desejo de dilatar uma glória. Também ignora-se o instinto de pudor se conserva para além da morte; mas calculo que os pretendentes vivos às glorificações eternas devem sentir arrepiar-se-lhes o provisório invólucro carnal, ante o exemplo de divulgação desses documentos dos seus defuntos camaradas da celebridade.

O papel é, muitas vezes, o nosso confissão secreto — o «écran» onde projectamos mesquinhões, pensamentos maus, erros — que não desabafaríamos com a nossa mãe! Entre os autógrafos da mocidade de Napoleão — surgiu agora um bilhete em que o tenente Bonaparte, na sua máxima pelintra, pedia a um camarada umas cuecas emprestadas — num momento de apuro... que não vem para o caso! Se a Águia Imperial, que amedrontou o Mundo, vê, na Eternidade, a exposição, numa montra pública, desse seu segredo da mocidade — que horríveis cólicas, nos seus intestinos... imateriais, não estará padecendo agora... E Camilo — cuja epistolaria tem sido vasculhada até ao rolo da lavadeira! Conta-se que Octávio Mirbeaux, ao assistir ao leilão dos autógrafos de Victor Hugo — entre os quais se apreçoava uma carta que o génio do século XIX dirigira a uma criada — aos 16 anos! — redigida em termos comicamente infantis — confidenciou para Zóla, que o acompanhava:

«— Quando vejo estes espectáculos tortura-me a seguinte lembrança: Há vinte anos, um conhecido embirrento disse-me: «Recebi ontem a sua carta recomendando-me o sr. Z... E sabe que eu notei nela uma falta de ortografia?» Foi lapso, naturalmente, mas tenho a certeza de que, depois da minha morte essa carta vem, como «desmanchaprizeres», a ser alleioada por bom preço: «Quem quer comprar por 5.000 francos uma carta do autor do *Calvaire* com erros ortográficos? Quem quer possuir a prova de que Mirbeaux não sabia escrever francês?» Já fiz todo o possível para reaver esse documento, que me angustia — mas nem

sei sequer onde pára ou se o tal cavalleiro é vivo ainda!»

O criado dum conhecido crítico costumava escamotear, das inúmeras estantes do patrão, livros que trocava por moedas. Um dia o alfarrabista descobriu, entre os volumes que lhe oferecia, um com dedicatória: «Ao mestre da critica em Portugal, oferece o muito admirador: Eça de Queiroz».

«Por este — informou o livreiro — dou-lhe cinco mil réis; pelos outros, três tostões, e é pechincha para você».

O criado, ao perceber a valorização dos livros com autógrafos — precipitou os roubos — até esgotar todas as dedicatórias; mas, não querendo abandonar o filão tirou, ao acaso, três ou quatro livros, e aperfeiçoando a letra, imitando as outras dedicatórias e copiando, na assinatura, os nomes dos autores — escreveu:

«A Fulano, o grande crítico, o mestre — oferece, com admiração: — Luiz de Camões.»

«A Fulano, o admirável escritor cujas lições tanto me guiaram — o modesto discípulo: — P.^o António Vieira.»

E assim por diante.

Era uma nova indústria a tentar — a dos autógrafos...

Sábado da Lisboa nocturna

ESTA madrugada, de regresso da faina do jornal, agrupei-me a uns camaradas que deambulavam nesse cavaco boémio que é a melhor gulseima dos noctívagos — e antes de recolher fiz «carroussel» em redor da Praça da Figueira. Pouco a pouco foram chegando os carroções com as suas pirâmides de hortaliças, de frutas — todo o banquete imenso dos 600.000 lisboetas, no dia seguinte... Os carros estabeleciam uma espécie de cerco ao mercado, enfileirando-se, um atrás outro. Os condutores, vindos dos subúrbios, tresnoitados, sonolentos, esfalfados por uma caminhada, às vezes, de léguas, iniciada ao princípio da noite, depois de darem às bestas a ceia bem ganha, enrolavam-se em cobertores de papa ou nos capindós remendados, estiravam-se sobre o passeio — e adormeciam. Nada mais legítimo que esse sono de mergulho — aguardando que os portões se abram e a faina da descarga comece; mas como espectáculo, no centro duma cidade, sobretudo pelo número — são dezenas e dezenas — e pelas atitudes, quasi dramáticas, que tomam quando um transeunte desprevenido entropença e quasi os pisa — confesso que me confrange, e apouca Lisboa. E nas noi-

tes de inverno — quando o vento os chicoteia e a chuva lhes empapa as roupas?...

Não haveria possibilidade de se organizar um abrigo, dentro da Praça — de forma a que esses homens não exhibissem este quadro aflitivo e tivessem um tecto e um leito?

Domingo

Os Rotchild ou os «Messias Judaicos do Ouro»



MORREU Edmond Rotchild. A história desses cinco Condes de Monte-Cristo do judaísmo está tão divulgada, que, se não fosse o seu simbolismo estranho — não comentaria essa morte.

Comecemos pelo milagre da sua incrível fortuna. O primeiro Rotchild era, nos princípios do século XIX, um pobreirão sem padrinagem; contudo, graças ao maquiavelismo — sem faces sinistras — da sua imaginativa de financeiro, reuniu, antes dos 40 anos, tesouros de nababo. Se fosse um ganancioso egoísta, um devasso do ouro — amealhando riquezas como um velho e caduco sultão que povoasse o «harem» de odaliscas condenadas à virgindade eterna; ou se ele tivesse escamoteado, sem escrúpulos, todo esse dinheiro para o esbanjar — luxando ou satisfazendo vaidades e vícios — o seu caso seria banal. Mas não!

O velho Rotchild era um místico do ouro, predestinado a salvar a sua raça dispersa, uni-la, fortalecê-la, impô-la — não através de sangrentas guerras santas, mas sim num subtil xadrez político, universal, xadrez de inteligências serenamente preparadas e usando, como arma, o dinheiro. Deus fadara-o com essa inteligência e com os dotes sobrenaturais dum novo Messias — e assim enriqueceu; e assim nasceu a conjura no seio da família, em Frankford — entre ele e os seus cinco filhos.

Quando o tesouro atingiu o valor previsto e os filhos a madurez necessária — expediu cada um desses para um potentado europeu — para Inglaterra, França, Prússia, Áustria e Rússia. Qual a missão dos cinco irmãos que se dispersavam? Fundarem sucursais da casa paterna? Servirem de agentes políticos das ordens que o pai lhes daria?

Não! Cada Rotchild partia, separando-se, desprendendo-se da família, esquecendo a terra onde nascera — levando, dentro d'ele, o segredo do *complot* e devendo enraizar-se, adaptar-se, impôr-se à terra onde se fixasse... O de Londres tornar-se-ia num autêntico John Bull; o de Paris — num genuíno parisiense; etc. Casar-se-iam com senhoras dessas nacionalidades; infiltrar-se-iam na economia, nas finanças, na política, nas artes, no jornalismo de cada país, aparentariam um patriotismo ardente — como se viessem de longas dinastias nacionalistas francesas ou austriacas ou russas... — de forma a que eles, os filhos, os netos (a missão era — e é — hereditária) se tornassem peças essenciais e dominadoras da maquinaria desses Estados. Eis como o Rotchild inglês é lord; o francês, barão; o austriaco, conde; o prussiano, marquês; e todos se tornaram Bonapartes do imperialismo financeiro da Europa. Aparentemente, são cinco famílias sem ligação, de nacionalidades diferentes, cada uma obsecada pelos seus negócios, pelos interesses da sua pátria — e portanto em constante antagonismo. E contudo mantêm, íntegro, o misticismo da sua missão, que continuam a cumprir, religiosamente — e tão unidos e rítmicos, como se vivessem juntos numa só terra, numa só casa — e todos os dias conferenciam-se...

E qual a sua missão — missão dinástica que dura há um século? Reabilitar a raça judaica, dar-lhe um domínio mundial — depois de a unir na Palestina — o que já é um facto... graças aos cinco Rotchild — manobrando cada um em seu país... e como se não se conhecessem...

2.ª feira



Os tiranos das crianças

São duas notícias da mesma passada de *faits-divers*. 1.ª — Denunciada pela vizinhança, foi presa Joaquina Antunes por espancar bárbaramente uma sobrinha de seis anos. A criança, examinada pelos médicos, acusa lesões graves não só consequentes desta sova — mas de muitas outras, anteriores e frequentes. 2.ª — A polícia de Coimbra deteve o sapateiro Ermelindo Augusto que porque um filho seu, de dez anos não tivera forças para fazer um pesado carroto que ele lhe ordenara, agrediu-o com tal brutalidade que lhe causou a fractura dum braço e uma forte hemorragia nasal.

Pouco antes tinha sido julgado na Boa-Hora um outro pai que, por fútil motivo, atirara um filho pequeno por uma ribanceira — num gesto de irreprimível cólera, como quem se desfaz dum isqueiro que não acende. O pequeno morreu, no hospital. E raro é o

dia em que os jornais não revelam monstruosidades deste género.

As crianças portuguesas, numa grande percentagem — são das mais desditosas do mundo. Já não falo da inconsciente crueldade com que lhe regateiam as alegrias, a liberdade. Basta evocar a desorientação e incompetência dos educadores; os esforços físicos a que, na classe pobre, as obrigam; a gravidade e ponderação precoce e tirânica que lhes exigem, nas outras classes; e, sobretudo a covarde e inquisitorial violência com que, tão amiúde, os seus patrões, tutores (e até alguns pais) castigam as suas naturais traquinices ou descuidos — quando as não aproveitam para desaguadouro do mau humor e das arrelias da vida.

Mas esta tirania bárbara — é tradicional! Citam-se os velhos sistemas educativos de há séculos, a chibata, os requintes de despotismo paterno — quando os filhos, mesmo sem prevaricar, tremiam ante os pais como se eles fossem carrascos — como se se tratasse de feitos sábios, heróicos e profundamente morais! Esta educação só podia produzir covardes, tartufos, futuros déspotas, almas rancorosas, tristonhas, despeitadas — e neurasténicas. E isto à parte dos graves prejuízos físicos que trazia...

Afirmam os adeptos desta tradição — que são estes os pais que melhor sabem amar os filhos! Se assim é — eu sou o mais desalmado dos pais!

Os negros da selva ignoram o uso do tafebe como método de ensinar a sua enfarruscada miudagem. Na atrozíssima China, mesmo nas regiões pior reputadas — se alguém é surpreendido a sovar um garoto já sabe que será linchado. No Japão a lei ordena que todos os lares abram as portas, semanalmente, aos médicos municipais que se dedicam exclusivamente ao exame das crianças, do meio em que vivem e da forma como são cuidadas. A menor violência corporal — ou moral — que constatassem — as crianças seriam imediatamente arrancadas aos pais, que perderiam todos os seus direitos.

Em todos os países civilizados se aperfeiçoa e aumenta, a diátria, o culto e a defesa da criança. Li há pouco um relato sobre o que se faz na Noruega, nesse sentido. Toda a mulher grávida, de qualquer classe, é vigiada pelos médicos até ao parto; e mal o pimpolho nasce, ei-lo cercado pelos médicos que o examinam, o estudam, o acompanham, passo a passo, precavendo-o contra enfermidades, fortalecendo-o, impedindo que qualquer falha orgânica se dilate...

Ignoro se os pais noruegueses amam ou não, com extremada ternura os seus filhos. O que sei, sim, é que os portugueses, em grande número, deviam amá-los menos — terem melhor consciência dos seus deveres.

3.ª feira

Os «gourmets» dos julgamentos sensacionais

Vero hoje num diário que foi ordenada uma selecção rigorosa de público num julgamento sensacional — entre outras razões por se temer que o soalho da sala não suportasse o peso da multidão de «gourmets» destes tristes espectáculos. Dois comentários apenas. Um — sobre essa gente que, por sadismo ou mazoquismo, corre a estas «féeries» da dor alheia — como para um circo.

Este lamentável prazer das massas — não é monopólio português. Esta tara agonizante alastra-se por todos os países latinos. Quanto maior é o escândalo, mais aflitivas as tragédias ou as hipóteses da sentença — mais se dilata a mancha dos «aficionados» — super-abundando o elemento feminino. Recordo-me do julgamento do descabelado, barbudo e cinico tenório e foreiro das 50 noivas! O «tout-Paris» elegante lá estava oprimido, amolgado, asfixiado, suando — mas a trepidar de emoção, rejubilando por ter obtido um lugar! E cavaqueavam, trocavam «bon-bons», gargalhavam, cochichavam «potins», como se estivessem numa «soiaée» do Boulevard St. Germain ou numa casa de chá da Étoile. A algazarra alcançou tal ruído que o delegado do Ministério Público, quando se aguardava o regresso do juiz e do júri à sala — bradou, num ímpeto de revolta:

«— Calem-se, covardes, que está sob este tecto um condenado à morte!»

E fôra ele quem mais reclamara essa condenação.

Há poucos meses, no Pôrto, no famoso julgamento das «envenenadoras brasileiras» em que intervim como jornalista e testemunha — mal os juizes leram a sentença (pena máxima) e se retiraram, logo as rés foram sitiadas pelo público — a maioria feminina e da melhor sociedade — que as examinava e as comentava em alta voz — como se estivesse frente a uma «vitrine» parisiense discutindo modas! Elas — as criminosas, desgraçadas, antes de mais nada! — choravam. Mas os «gourmets» da dor alheia prosseguiam na tortura, sem piedade e... sem pudor.

...O outro comentário dardeja: a referência à fraqueza do soalho... De facto quem é obrigado a passarinho pelos tribunais de Lisboa e do Pôrto — anda como um acrobata sobre o arame de circo... Dir-se-ia que escolheram os edifícios mais esfacelados e caducos, para templos da Justiça! Não nos admirava se, amanhã, a meio duma dessas audiências de «casa cheia», o sobrado se rasgasse como papel, e juizes, advogados, testemunhas, espectadores, viessem parar às caves — envoltos numa massa sangrenta.

OS MISTÉRIOS DE MACAU

As proezas dum famoso «gangster» amarelo naquela colónia

O episódio que recheia esta reportagem não prima pelo oportunismo. Data de Maio! Numa era em que as notícias viajam na vertigem da T. S. F.—uma demora de seis meses equivale às delongas duma travessia em caravela...

Mas o seu travo, diabòlicamente oriental, e o facto de se desenrolar em Macau—tentaram-nos a publicá-lo—tanto mais que é inédito. Não nos recorda—pelo menos—que a imprensa portuguesa se tivesse referido ao caso.

O banditismo chinês... à moda

A China balburdeando em contínuas revoluções—fermentou o seu tradicional banditismo que, durante um século, se amolengará em marrasmo.

Um dos dirigentes mais afamados e temidos desses corsários... anfíbios—chama-se Lang-Techien—um cavalheiro que se ufana de ter abatido mais gente que um exército em batalha—epopeia rendosa visto que é arquimilionário. Ultimamente, por fadiga, azar ou excesso de confiança em si—sofreu vários desaires, sendo obrigado a pular de região para região, dispersando o seu sinistro exército—até que, o ano passado, por um triz que não o enlaçam em Hong-Kong. Filtrou-se pelo cerco que lhe fizeram—como uma góta de água por um lenço—e a polícia, enraivecida, irradiou, por todo o litoral, os seus melhores detectives, oferecendo prémios de 100 libras a quem devassasse o seu covil.

Mas eis que em Janeiro último—a golfada de sangue dum crime alviçou a sua estadia—ou passagem, pela nossa colónia de Macau.

Começam os mistérios...

«The Hong-Kong» vai ciccionar-nos. Em primeiro de Janeiro, um macaista, filho dum negociante português—Manuel Lapa, apodado de «S. Tomaz da Caridade»—devido à sua avareza—sofreu um assalto à sua casa de cambista, no centro da cidade; mas os assaltantes acharam uma miséria o que encontraram—e deixaram um aviso dizendo que se, no prazo de três dias, não entregasse uma soma quantiosa—bem podia despedir-se da vida e do pecúlio. O sr. Lapa julgou preferível morrer abraçado ao seu oiro—do que viver com um pedaço da sua riqueza a menos! No dia 6—a pesar das pre-

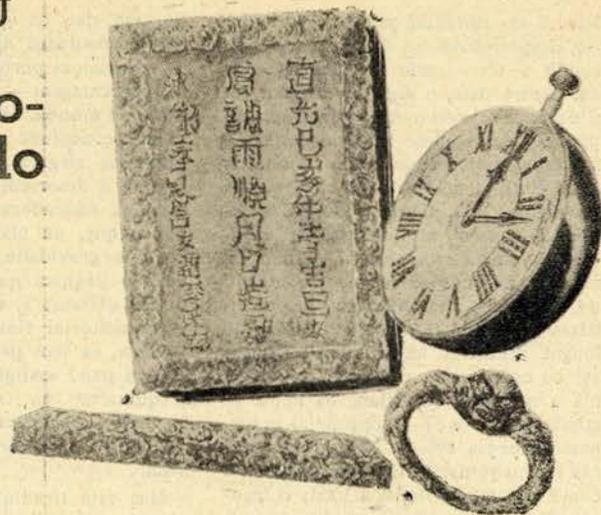
A reportagem inédita do jornal «The Hong-Kong-Times» sôbre uma série de crimes enigmáticos que estabeleceu o pânico na nossa possessão asiática

cauções tomadas, um suposto cliente, que o chamara ao balcão, apunhalou-o—escapulindo-se.

No dia 20 um súbdito britânico, o bricabraquista Artur Arrys, há muito em Macau—recebe também um aviso—mas este em termos estranhos. Ele comprara, pouco antes, um gigantesco «budha» em loiça—garantindo-lhe o vendedor que a reliquia pertencera a um templo dos arredores de Nankin... E a carta assinada por uma seita de fanáticos—dizia-lhe: «Mercadejar com essa imagem sagrada—é um sacrilégio que não suportamos! Tu pagarás o que fizeste—como já pagou quem ta vendeu.» O infeliz apavorou-se! Empatara um bom punhado de libras no negócio. Não estava para as perder!



Na semana seguinte foi visitado por um chinês que lhe propôs apaziguar as fúrias dos fanáticos... em troca de determinada quantia. «Sir» Arrys hesi-



As preciosidades roubadas pelo gangster chinês Lang Techien, em Macau (lêches reproduzidos do «The Hong-Kong Times», de 6 de Maio)

tou—e cometeu a imprudência de denunciar o caso à policia.

Entretanto, desembarcara na nossa colónia um banqueiro amarelo de Xangai, que confidenciou às autoridades que andava aos saltos, de terra em terra, para se esquivar às garras de Lang-Techien—visto que este lhe tarifara a vida por 20.000 libras—exigindo-lhe ainda a entrega das preciosidades de maior preço da sua colecção de maníaco rico—um anel, um relógio cravejado de pedrarias raras, duas placas de oiro com sentenças sagradas em caracteres chineses, silhuetadas com rubis e diamantes—tudo avaliado em 50.000 libras. Buscara refúgio na nossa colónia—para o despistar... Uma manhã foram-no encontrar amarrado e amordaçado no seu leito do hotel—e um criado macaista que vigiliava no seu quarto, atento a qualquer surpresa, estirado, ferido de morte. Os assaltantes tinham-lhe levado as jóias e deixado novo aviso: «Poupas hoje a vida—na certeza de que, até ao fim do mês, nos envias o que falta. Senão—não há policia que te salve!»

O pânico alastrou-se então pela cidade—quando esta se convenceu de que Long-Techien estava manobrando em Macau. Em princípios de Fevereiro apresenta-se à nossa Policia um detective—um «Sherlock» liliputiano, da cor dum limão muito maduro e com os cantos dos olhos a tregarem para a testa—a declarar-se enviado secreto das autoridades de Hong-Kong e comissionado de «catar» o Al-Caponi asiático; mas mal esse «Sherlock» chinês começou a agir—mais audaciosas e frequentes se tornaram as façanhas de Lang-Techien. Um português—agente de navegação—Raúl Moutinho;—um nipónico enriquecido no comércio; e por último um empresário do jôgo do Fan-Fan—foram feridos ou mortos, por se negarem a obedecer às exigências do «gangster» ou por não



dearem conhecimentos bre a sua personalidade.

A destruição do «Budha»!

O bricabraquista n'cedia — mas cercara-se de «guarda-stas». Escapara a vários atentados — mas Lang-Techien assinava já a portas dizendo que só ele podia evit' que os fanáticos o liquidassem. O detective chinês tornara-se ridiculo pelos seus fracassos — e por último suspeito. Um dia um agente nosso vitou-o — e surpreendeu, sobre um mel, um relógio que correspondia à prioridade escamoteada ao banqueiro de Xangai... O agente acabava de avar' o chefe do que vira — quando o hinês se apresentou a declarar qu' recebeu, pelo correio, o relógio — acompanhado de duas linhas: «Não é o te julguei! Restitua-o ao dono!»

Em finais de Março entra no armazém de «Sir» Arry um hinês — aparentando grande nervosismo e que pediu a um caixeiro para fal' com o patrão. Que esperasse — visto que Arry estava no seu gabinete. Ora o gabinete era separado do recinto por um frágil tabique. Os «guarda-ctas» agrupados na loja não perdiam de vista o estranho cliente. Este consultava o relógio de dois em dois minutos. A certa altura conservou-o na mão, sem desviar d'ele o olhar. As seis em ponto, num ímpeto alucinado e sei que os presentes pudessem antepor-e-lhe, desembolçou um martelo e mtraqueando, furioso, o gigantesco «budha» de loiça, estilhou-o num instante.

Tentou fugir — ma' agarraram-no. Confessou que a seit' dos Xehioto, a que pertencia, lhe ordenara a destruição do «budha», caso «Sir» Harry não o restituísse até às 6 horas — último prazo marcado — porque era preferível desfazê-lo a que o roubassem negociado — por uma ganância sacrilega! Entretanto os caixeiro batiam à porta do gabinete do patrão para o informar... E como a porta não se abrisse — decidiram arrombá-la — e deram com «Sir» Arry caído de borco — assassinado por um tio de pistola.

A morte silenciosa

Só dias depois foi possível transparentar esta parte do enigma. O assassino, para garantir a fuga após o crime, quisera agir sem perigo que o ruído da detonação alertasse os que vigiavam o inglês, e que estes lhe cortassem a retirada. O cúmplice aguardara a hora combinada — e às seis em ponto abafara, com a barulheira da destruição da imagem, o ruído do tiro. Dera-lhe tempo...

...Nessa altura chegou o telegrama do chefe indicado pelo suspeito detective chinês — confirmando o que o seu subordinado disse; e foi a ocasião d'ele mostrar as suas habilidades especiais: as do interrogatório. Fechou-se com o prisioneiro — e fechados esti-

veram uma noite inteira. Ao reaparecer trazia a decifração do enigma... O destruidor do «Budha» — não se sabe porque feito — confessara tudo...

Era o lugar-tenente de Lang-Techien — que urdira o plano do assassinato do inglês e prepara a fuga para o seu cúmplice — mas este não soubera cumprir o plano e por isso se perdera — e se vira na necessidade de denunciar o chefe.

Porque o denunciou! Lang-Techien vivia, em Macau, sob o disfarce de... de quem supõem os senhores?

O ardil do «gangster» amarelo

...Lang-Techien era o banqueiro, a vítima aparente... *dêle próprio!* Não encontrara melhor estratégia para despistar a policia: fizera-se perseguido do célebre «gangster», sacrificara a vida dum criado do hotel (que importava mais um crime à sua consciência hipertrofiada de chacinar?) — auto-amarrara-se ao leito num prodígio de prestidigitação; e... dera-se por roubado. Fora ainda ele quem provocara as suspeitas sobre o detective de Hong-Kong, quem lhe expedira o relógio, quem atraíra, ao hotel, o agente português — metendo para isso aquela preciosidade no quarto do policia.

Mas — o êxito do «Sherlock» amarelo não foi completo! Quando fêz cercar o hotel para prender o banqueiro ou seja Lang-Techien... já este abalara!

R. X.

Especialidades das terras

MATUSKA, o enigmático sádico das catástrofes, que, na sombra, pulava a gargalhava, como um petiz à volta dum boneco que estripou — esfuiziando alegria ao ver os combóios que descarrilavam, contorcidos, em zig-zague, sobre os raios, como enormes serpentes agónicas, embandeirados de labaredas, orquestradas pelos gritos de dor das vítimas — foi condenado à morte.

A propósito — escreve um redactor de *Wienpost*: «Matuska nasceu na vila de Tjakawa — donde têm saído vários descarriladores de combóios — embora todos de categoria inferior a este... «ás». O célebre terrorista Barkun que, em 1919, após a derrota dos «vermelhos», em Budapest, dinamitizou vários combóios — era natural de... Tjakawa! A pequena cidade Mazawestji notabilizou-se por ter exportado as mais fascinadoras envenenadoras dos últimos tempos. É tradicional! Alder Rezen que, nos princípios do século passado, fulminou o embaixador russo para se vingarem de uma traição amorosa — vira a luz do dia em Mazawestji! Ana Korperg, «mulher de virtude» bem afreguesada, condenada à morte o ano passado por ter morto o marido, a sogra, um enteado e o amante duma amiga — que lhe pagou a peçonha a bom preço — e outras façanhas — nasceu em... Mazawestji!! M.^{me} Jeanne Cardoux heroína da tragédia de Bordéus, que, em 1930 envenenou o marido, o banqueiro Marcel Cartoux, apressada por se libertar e dispor da fortuna do casal — era de origem húngara — e nascera na mesma cidade!»

Assim como em Portugal, os sintrenses se ufam das suas queijadas, e os vimaranenses das suas cutelarias — os habitantes dessas terras húngaras podem orgulhar-se da singular especialização dos seus conterrâneos. «Não há cavacas como as nossas! proclamam, os das Caldas da Rainha.» — «Nem técnicos em estrangulamento, rápido e silencioso, como os da minha vila! — contestariam os naturais» — «Cutelaria como a de Guimarães não se encontra facilmente! — berram os vimaranenses.» — «E onde topam vocês com escamoteadores de tripas humanas — como os que saem da cidade Z...?» — replicariam os compatriotas de Matuska?

Numerosíssima foi a correspondência por nós recebida, felicitando-nos pelo aprecio do nosso semanário.

Tornando-se nos materialmente impossível agradecer directamente a cada um dos correspondentes, deixamos expresso nestas colunas o vivo reconhecimento de que estamos possuídos por tais provas de simpatia — agradecendo a todos com apert' dos e sinceros «XIS» a gentileza amavel com que nos quiseram distinguir.

ESPECTACULOS

Teatros

Nacional — 21 e 30 — Repertório diariamente variado.
Trindade Não há.
Avenida — 21 e 30 — «Novos e Velhos»
Gimnasio — 21 e 30 — Temporada género parisiense, com cinema e grandes atrações musicais, das quais a primeira é L. Isita Estr. ao hoje a maior cancionista de Espanha.
Variedades — 20 e 30 e 22 e 45 — «O Aldra-há»
Coliseu — 20 e 22 e 45 — «O Fim do Mundo»

Cinemas

São Luiz — 15 e 21 e 30.
Tivoli — 15 e 21 e 30.
Candes — 15 e 21 e 15.
Central — 15 e 30 e 21 e 30.
Olimpia — Das 15 e 30 às 0.
Capitôlio — 21.
Chiado Terrace — 15, e 21 e 15.
Odeon — 15 e 30 e 21 e 30.
Lys — Das 14 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris — 20 e 45.
Salão Portugal — 15 e 21.
Palatino — 21.
Palácio — 21 e 15.
Europa — 21.
Royal — 15 e 21 e 15.
Eden-Cinema — (Rua do Aleito) — 21.
Promotora — (L. rgo 23 de Abril, ao Calvário) — 21.
Imperial — (Rua Francisco Sanches).
Salão da «Voz do Operário» — 2.
Cine Oriente — (Penha de França).
Salão Ideal — (Loretto).
Cine Russo — 21.
Musical Cinema Parque — (Par. Mayer).
Pavilhão Português — (Par. Mayer) — 21.
Max-Cine — (Rua Barão de Sabrosa).
Jardim-Cinema — As segundas, quintas, quintas e domingos, cinema e concertos — 4 e 45 e 21 e 45.
Bélgica Cinema — (Rua da Beneficência, «o Régio») — 2.
Espanada Vitória — (Rua Alves Torgo).
Cine Salão Braço de Pata — A's quartas e domingos.

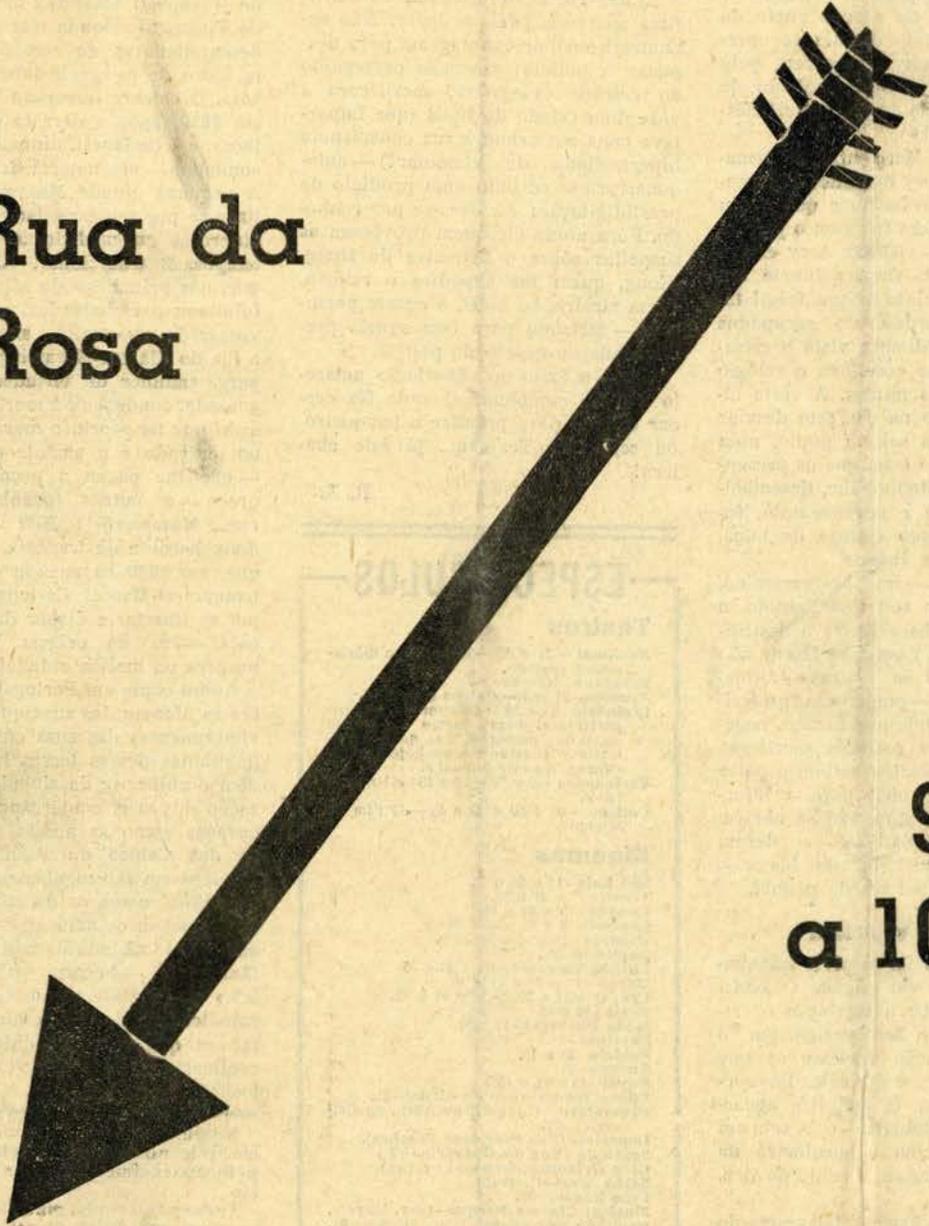
X

**SEMANÁRIO
DE GRANDES
REPORTAGENS**

Redação, Administração e Oficinas
— IMPRENSA BELEZA —
Rua da Rosa, 99 a 107 — LISBOA

Trabalhos tipográficos
em todos os géneros

**Rua da
Rosa**



**99
a 107**

Imprensa Beleza

— Telefone 2 1622 —